

como sendo uma coisa positiva que acontece. Também o que aconteceu foi um imprevisto: mas uma tragédia, não uma esperança. Pergunto como estão juntas a tragédia do teleférico e o que Montale diz, que “um imprevisto é a única esperança”? Percebo que há aqui no meio outro passo, um trabalho que tenho de fazer para não reduzir novamente a questão. Pode me ajudar a fazê-lo?

A pergunta não surge só em face do choque do teleférico. Também surge, como vimos, perante os festejos depois do confinamento, diante de todas as circunstâncias do dia a dia. E é precisamente ao olhar para este dado que podemos perceber que imprevisto é preciso acontecer para que possamos adquirir algo que permaneça.

Parto da frase de Giussani que você cita no ponto 2 do capítulo 3, sobre o imprevisto que acontece: “Jesus Cristo [...] encerra-se, torna-se presente sob a tenda, sob o aspecto de uma humanidade diferente. O encontro, o impacto, se dá com uma humanidade diferente, que nos toca porque corresponde mais as exigências estruturais do coração que qualquer forma que possa assumir nosso pensamento ou nossa imaginação” (p. 5 cap.3). Esta frase ficou cravada no coração como um punhal, na medida em que reconheço que é dramaticamente verdadeira. Porém, quando olho à minha volta, quando tento encontrar essa humanidade diferente que me surpreende, sou tomado como que por uma derradeira desilusão, porque não a vejo, ou melhor, tenho dificuldade em vê-la. Quando olho para as pessoas da minha comunidade, para os gestos que fazemos, até para a atenção à minha pessoa, quase que me parece que o entusiasmo que me arrebatou há mais de 45 anos e que mudou a minha vida está se desgastando com o tempo, degradando-se sem que aquela humanidade diferente irrompa como fato hoje. Estou desempregado há um ano e meio, e é raro que alguém me pergunte como estou, e, no entanto, vemo-nos na missa, fazemos Escola de Comunidade, os grupos de Fraternidade, e tudo o resto... Mas aquela humanidade diferente, é como se não a encontrasse. Depois, não deixa de ser verdade que acontece qualquer coisa, como a morte de um amigo com ELA (esclerose lateral amiotrófica) e eu vejo que realmente existe uma humanidade transbordante que conta a história de alguém que foi tomado por um Amor infinito que o sustentou até morrer assim, abandonado a Ele. Mas é como se nem sequer testemunhos como este me bastassem, como se fossem fatos e pessoas que acontecem longe de mim. Eu imploro todos os dias que essa humanidade diferente me atinja como um relâmpago ou como um sussurro – também serve –, que seja alguma coisa que entra na minha carne e no meu sangue e o contagie de bem. Como é possível que esse meu desejo permaneça tão estéril e à minha volta eu não veja acontecer essa humanidade diferente? Aliás, vejo muitas vezes, pelo contrário, uma humanidade que é mais pobre do que antes, sem aquele ímpeto humano por tudo e para com cada um, sem aquele ímpeto que foi o que me impressionou desde o início da minha experiência cristã. Obrigado pela sua paternidade.

Obrigado, porque você põe diante de todos nós o desafio: não basta ver coisas impressionantes, testemunhos espetaculares, fatos e pessoas que acontecem. “Eu imploro todos os dias que essa humanidade diferente [...] seja alguma coisa que entra na minha carne e no meu sangue”. Impressionante! Não é suficiente vermos essa novidade em alguém, queremos que ela nos penetre até à medula. Mas “como é possível que [...] eu não veja acontecer essa humanidade diferente?” Quando se percebe o entusiasmo do início esmorecendo, nem sequer ver fatos excepcionais é o suficiente. Então? O que fica de tudo o que Deus nos dá como testemunho do Seu agir? É possível (como se perguntava a amiga de antes) que de tudo o que nos acontece fique algo significativo para enfrentar o dia a dia ou temos sempre que recomeçar?

Olá. De todos os fatos incríveis e excepcionais que temos visto, o que fica? Esta pergunta, que você fez na Diaconia do CLU [universitários de CL] na semana passada, tem me acompanhado nestes dias, arde em mim, porque em todos estes anos e também agora eu estou vendo e tocando milhares de fatos, fatos que não posso “encaixar” nos meus conceitos e que tocam o ponto inflamado em mim, que me fazem sobressaltar. Dialogo com pessoas que sei que viram tanto como eu, se não mais (também pela sua longa pertença ao Movimento) e, no entanto, tudo o que viram “não lhes

basta”, “já não vivem a atração”, “já não veem”. E então? O que fica? Quero olhar de frente essa pergunta, porque não quero viver com o medo de que, a certo ponto, também vai acontecer comigo alguma coisa que não saberei como lidar. Se olho para o momento de “escuridão” que vivi há alguns anos, o que permanecia, apesar de tudo, era a evidência do que me tinha acontecido no início da vocação, de tal forma que tinha feito com que eu mudasse e desejasse que tudo em mim pudesse aderir ao que tinha encontrado. Essa evidência não podia cancelá-la, mesmo que às vezes tentasse. Mas era uma luta desigual, para cancelá-la tinha de mentir para mim mesmo. Reconhecer isso, não me afastar dessa evidência, permitiu que eu fizesse um caminho. Vejo isso acontecer também em alguns amigos que estão em dificuldade. Todos os fatos que vejo e vivo “aumentam” a evidência do início. “E os seus discípulos acreditaram n’Ele” (Jo 2,11). “Senhor, também eu não entendo, mas só Tu tens palavras que explicam a vida” (cf. Jo 6, 68). Esta é uma experiência que vivo e que não nasce como resultado de um esforço, mas do fato que Ele gerou a minha afeição, ligou-me a Si através de um lugar, através do carisma. Impressionou-me muito que você, justamente durante aquela Diaconia, reagindo ao exemplo da jovem que nos olhos de um nosso amigo via os olhos do avô, se entusiasmou dizendo: “Permanece aquele olhar... Os olhos!” É verdade, aqueles olhos permanecem, olham-me e modelam o meu próprio olhar: porque o vejo, como dizia uma amiga: ‘Quem me gera, deixa-me um pobre coitado como antes, mas muda o meu olhar’. Isso me abre a um uso diferente da razão”.

Então peçamos agora diretamente ao nosso amigo que nos conte o que é que aquela jovem viu nos olhos dele.

Boa noite. É uma coisa que me aconteceu na universidade. Uma das jovens com quem trabalho no órgão representativo para que fui eleito me disse: “A verdade é que eu tinha perdido a esperança na humanidade, mas, desde que o conheço, já não posso dizer que os seres humanos são todos pessoas horríveis”. Ao fim de alguns dias trabalhando juntos, a certa altura diz: “No entanto, há alguma coisa que simplesmente não entendo. Por favor me conte sua história!” Fomos tomar um café, contei-lhe o que tinha acontecido na minha vida e ela, desde o primeiro instante, dizia que tudo lhe parecia impossível e irracional. Ela tem uma relação especial com a natureza, então lhe perguntei: “Mas você já se perguntou de onde vem aquela árvore? Por que aquela árvore está ali?”; e ela respondeu: “A essas perguntas não é possível encontrar uma resposta”. À noite escreveu-me uma mensagem: “Fui dormir e percebi que sempre tive aquelas perguntas que você me fez. Pode me apresentar os seus amigos?” Então nós tomamos um aperitivo e num diálogo que teve com um dos meus amigos ela nos contou sua história e falou sobre mim: “Impressionou-me porque tem os olhos do meu avô, que é a única pessoa na minha vida que gostou de mim de verdade. A única coisa que ele e o meu avô têm em comum é que os dois são crentes”. Então este amigo disse-lhe: “Mas não percebe que o seu avô ainda está vivo, vive nos olhos deste seu amigo?” E isso foi para ela a possibilidade de acrescentar aquela peça do quebra-cabeça, aquele particular que abre para o universal, porque foi como se a sua história se ligasse à nossa, mesmo ela não sendo crente. Agora, sempre que pode, vem almoçar conosco e continua a dizer: “Não entendo, não entendo mesmo, mas vejo os olhos do meu avô. E essa é a única coisa que me dá paz, a única coisa que faz com que eu não esconda as perguntas, mesmo sem entendê-las e parecendo que não têm sentido”. O que é que eu vejo nisso? Vejo, aos poucos, crescer em mim a consciência de que o meu “eu” é tão mais “eu” quanto mais há Aquele que o ama, que o prefere. E é isso que cria uma amizade verdadeira. E é incrível porque isso está fazendo com que eu seja mais eu, de tal maneira que a minha vida, que antes estava dividida em compartimentos (universidade, esporte, família) está se unindo e essas partes estão se encontrando. Isto tem um valor enorme para mim.

Fica alguma coisa do que acontece na nossa vida? Como você sabe que encontrou uma coisa que permanece? Pelos olhos. Os olhos do avô nos seus olhos! Se o olhar do avô não tivesse permanecido nela, aquela jovem não teria sido capaz de reconhecer nos seus olhos os olhos do avô! Muitas vezes, é como se tivéssemos que ver coisas assim acontecerem para responder às nossas perguntas. É interessante ver o que você disse; a princípio, quando você contou a ela sua história,

ela reagiu não acreditando no que você estava dizendo, parecia impossível e irracional. Ele simplesmente não acreditou! Mas como o que ela viu em você era irredutível, ela teve que admitir: “Há alguma coisa [o famoso ‘alguma coisa’!] que simplesmente não entendo”. Ela vê em você os olhos do avô e por isso continua a ir encontrar você. Portanto, há alguma coisa que fica, que não desaparece depois de um tempo. E esse olhar é tão verdadeiro, não porque você se convence de que o tem, mas porque um outro – aquela jovem – o intercepta sem saber nada sobre você, reconhece-o ao ver o que os seus olhos e os do seu avô têm em comum. Isso é extraordinário! E o que é que eles têm em comum? O fato de que ambos acreditam. Essa jovem pode ainda não entender o que é essa “alguma coisa” e será necessário dar-lhe todo o espaço de que precisa, mas já não pode apagar o que viu. Ela já não pode cancelar a pergunta que antes evitava (“De onde vem aquela árvore?”), tanto que quando vai dormir a carrega dentro; e não pode apagar o olhar do avô que reviu em você. É como se tivesse encontrado uma coisa que não pode apagar, uma coisa irredutível às suas interpretações. É aquela excepcionalidade – que pode manifestar-se assim: os olhos de uma pessoa – que também os discípulos não sabiam interpretar, mas que não podiam apagar: também eles não entendiam, mas não podiam deixar de reconhecer, na experiência que estavam fazendo, algo único. Por isso, se estamos atentos a estes episódios, podemos dar-nos conta de como é humano o caminho da fé, e é isto que faz com que essa sua amiga, intrigada, saia da sua posição inicial – “é impossível” –; tal como aconteceu com os discípulos, que foram atrás de Jesus por curiosidade, pelo pressentimento de algo que aquele Homem trazia no olhar. Acontece o mesmo agora.

Uma coisa parecida é contada por um amigo que não pode participar por causa de um compromisso de trabalho e escreveu: “Uma parte do capítulo 3 me questionou muito. É quando se diz: ‘Jesus Cristo, esse homem de dois mil anos atrás, encerra-se, torna-se presente sob a tenda, sob o aspecto de uma humanidade diferente. O encontro, o impacto, se dá com uma humanidade diferente, que nos toca’. Para mim aconteceu a mesma coisa. No trabalho nunca disse que era do Movimento. Depois de um ano e meio, surgiu essa questão e eu disse a todos que era do Movimento. Isso despertou espanto geral em todos, menos para um colega que disse: ‘Bem, eu já tinha percebido há algum tempo’. Quando fui lhe perguntar como isso era possível, ele disse: ‘Sabe? Nesta empresa trabalhava uma pessoa que também era de CL’, que não conheço, ‘e você e ele são muito parecidos! O que têm em comum é a dignidade que dão às pessoas [ou seja, o mesmo olhar que surpreendia todos os que eram olhados por Jesus] quando falam com elas, independentemente de quem está diante de vocês’ [não é um problema de simpatia ou antipatia]. O que ele disse me deixou maravilhado porque nunca me dei conta disso; na verdade, às vezes tenho vergonha de ser muito duro com os meus colegas. Vi nisto o sinal daquela nova humanidade da qual inconscientemente nos tornamos portadores, porque ocorreu um acontecimento tão radical que mudou completamente as nossas vidas. É paradoxal que nunca tenha tentado ser bom, mas, como também aconteceu com Azurmendi, o meu colega tinha interceptado aquela humanidade que havia em comum entre mim e o antigo colega. Mas aqui nasce uma pergunta: como é possível que nem todos tenham consciência dessa nova humanidade? Por que é que em quinze pessoas que estavam lá e que tinham me conhecido, a mim e ao ex-colega, apenas uma reconheceu que há algo em comum que nos une, caso contrário a nossa diversidade não teria sido explicada?” Isso pertence ao mistério da liberdade de cada um, o que cabe a nós é ser testemunhas; o que o outro fará com nosso testemunho depende de uma decisão da sua liberdade. Assim, respondendo à pergunta do que fica, é interessante interceptar nos outros o que fica quando nos encontram, e através dos outros nós nos tornamos mais conscientes disso.

Este ano uma minha nova colega, muito inteligente e profissional, aproximou-se progressivamente de mim, até que um dia, neste inverno, me perguntou se podia ir à missa comigo. Assim, em fevereiro começamos a encontrar-nos todos os domingos para ir à igreja e às vezes fazíamos um passeio no qual falávamos de várias coisas. Nesta amizade comecei gradualmente a dar-me conta que diante de muitas circunstâncias sentencio: “Impossível” e me fecho, mas aqui sou delicadamente contestada por ela. No capítulo 3 de Há Esperança? Você escreveu: “Parece-nos

impossível [...]. Mas e se acontecesse? E se o encontrássemos? E se viesse procurar-nos?” E depois, cita uma carta: “Cristo estava vencendo em mim, em todas as minhas feridas e objeções [...] com a Sua contemporaneidade”. Igual! Foi num crescendo, até que há duas semanas explicitou-se o coração desta amizade: essa colega escreveu-me uma longa mensagem, que leio um trecho: ‘Agradeço a você porque, além de ser minha amiga, é uma Memor, e eu creio que me dei conta disso antes mesmo do dia em que me falou disso. Você está me ajudando a me sentir novamente cristã por escolha. Eu sempre tive fé em Deus, mas tinha perdido um pouco o caminho e você realmente me ajudou muito a encontrá-lo de novo. Depois, a descoberta do Movimento foi uma surpresa, está me ajudando a olhar verdadeiramente para dentro de mim. Não sei que percurso farei, mas estou certa de que tenho que te agradecer por isso. Sei disso com certeza, desde quando você me deu o papel com o texto destacado: ‘O Verbo se fez Carne e habita entre nós’. Naquele dia percebi que quero ser sua amiga, que você é importante e que não quero perder a sua presença. É um bem precioso e não deve ser desperdiçado”. Eu sou a protagonista, mas também uma encantada espectadora de tudo isso. Porque é evidente que ela está encontrando algo totalmente novo em mim, mas eu encontro algo por minha vez graças a ela, porque está mudando a concepção de mim. Vou dar um exemplo, começando com o que você escreve no livro: “Como posso saber se o particular com que deparo é o acontecimento de Cristo hoje? Demonstra-se [...] a sua ‘pretensão universal’, a sua capacidade de iluminar toda e qualquer circunstância ou situação, mesmo a mais perturbadora: a morte”. Eu, neste momento, não estou diante da morte, mas durante anos e até há alguns meses atrás dizia: “Se os outros vissem o que me passa pela cabeça, não deveriam confiar em mim. Então, quem vê a verdade de mim? Só eu que me vejo por dentro!” Era devastador. Agora, ao contrário, se volto a pensar naquela concepção que tinha de mim, o problema não me aflige, porque não é esse o ponto: a verdade é que eu sou Sua, do Senhor. Isso é visto pela minha amiga, mas eu também o vejo, porque vejo que Ele volta sempre a retomar-me, mesmo agora através dela e deste modo, que é tão novo para mim que me parece que nunca o tenha visto! E por isso tenho uma grande curiosidade em ver onde me levará. Obrigada!

Esta é a dinâmica da geração do eu, que acontece lentamente, de acordo com um plano que não é nosso. E é tão evidente que às vezes os outros veem antes de nós. O Senhor nos faz encontrar pessoas que o veem para nos tornar conscientes do que está acontecendo em nós. Como diz outra contribuição, que retoma um trecho do livro: “Dois mil anos depois estamos na mesma situação, existe algo dentro da nossa experiência, mas vem de além dela”. Os discípulos viram aquele homem e não puderam deixar de reconhecer que havia algo dentro que os remetia para além. Este algo, que remete para “além de”, a sua nova amiga descobriu-o em você.

Lentamente, se nos damos o tempo necessário, se nos deixamos gerar pelo que Ele faz em nós, podemos compreender a partir da nossa experiência as palavras de São Paulo (semelhantes às suas): “Eu vivo, mas não eu: é Cristo que vive em mim” (Gal 2,20). Penso na jovem que cito no livro, que o pode verificar até diante da morte do namorado da irmã, ao ver como Cristo está vencendo com a Sua contemporaneidade pela reação que percebe na maneira de estar diante daquela situação desafiadora. Estamos vendo isso, mas muitas vezes a história que temos atrás não parece suficiente para enfrentar um novo desafio.

A frase “o imprevisto é a única esperança”, que repeti com grande simpatia no passado, desta vez não me deixou tranquila. O ano vivido na minha cidade que, de novembro até agora está entre as cidades com maior número de contágios por habitante na Itália (e com muitos mortos); uma situação familiar muito difícil e dolorosa que já dura anos; o ano letivo que pôs à prova os meus alunos e a mim junto com eles, todos esses fatos me assustaram sobre o que ainda pode acontecer. Até à notícia sobre as disposições do Dicasterio para os Leigos, a Família e a Vida relativamente aos órgãos de governo dos movimentos, que me perturbou profundamente. A minha atitude é a que está descrita no ponto sobre a afeição do segundo capítulo: a tentação de me retirar, de me poupar dos imprevistos por medo. “Deixar aberta a possibilidade de que ocorra algo que ultrapasse as nossas capacidades preditivas” assusta-me, mas percebo que “não é renunciar à razão, mas viver

até o fundo a razão”. Como você fala na Introdução: “Temos bastante história nas costas para sabermos que qualquer tentativa nossa será muito fraca. O fim está anunciado, a morte sempre sai vitoriosa” e, no entanto, estou diante de testemunhas (penso na sua pronta e imediata resposta ao cardeal Farrell) que sentem tudo novo por causa da novidade que o encontro representa nelas. É diante deste imprevisto que descubro que é familiar e ardente a pergunta de Nicodemos: “Posso nascer de novo sendo velho?” Eu tenho atrás de mim história suficiente para saber que todas as tentativas são insuficientes e tenho atrás de mim história suficiente para saber que há esperança, mas pergunto: como posso nascer de novo? Como posso não olhar sempre para trás, libertar-me do passado e ver tudo como novo?

Como veem, também neste caso surge a pergunta: ficou alguma coisa do passado para enfrentar tudo? Permanece alguma coisa como nova, até surpreender que um imprevisto é realmente a única esperança?

Desde sexta-feira que em várias ocasiões se é aberto o debate sobre o Decreto do Dicastério. Eu o li e disse a mim mesma: “Não tendes falta de nenhum dom” (1Cor 1,7). Não tenho medo. O caminho que você me fez fazer ao longo destes anos me dá certeza. Deus é fiel e a história é d'Ele. Estou curiosa para ver o que vai acontecer. Não pense que eu não entendo a extensão do evento para o Movimento, mas isso não me impede de respirar. Rezo, olho e guardo silêncio. Mas se essa posição superficial parece ingênua para você, diga-me, porque tantos pensam assim e eu gostaria de entender o que estou perdendo.

Várias pessoas me escreveram pedindo ajuda sobre como estar diante das disposições do Decreto do Dicastério para os Leigos, Família e Vida, sem censurar a sua experiência, porque, como veem, esta é de novo uma circunstância que temos de enfrentar.

A primeira reação que viram em mim, como lembrou a amiga que interveio há pouco, é a disponibilidade absoluta à obediência – a virtude cristã que Dom Giussani inoculou sempre no nosso sangue, dando-nos dela testemunho constante – a respeito da solicitação de alterações na forma de governo interno das associações. Afirmo-o na carta que enviei ao cardeal Farrell no dia seguinte e que podem encontrar no site de CL: “Com relação à carta com a qual quis antecipar-me o texto do Decreto Geral referente ao exercício do governo dentro das associações internacionais de fiéis, desejo assegurar que a Diaconia Central da Fraternidade de Comunhão e Libertação providenciará o cumprimento das solicitações, na modalidade e nos prazos estabelecidos pelo próprio Decreto”. Podemos olhar para essa circunstância, de novo, investidos pela experiência que vivemos e estamos vivendo. Também esta é uma oportunidade oferecida a cada um para responder à questão do que fica, para verificá-lo na experiência. Nas relações entre nós, não somos definidos por papéis ou cargos, mas pela diversidade que trazemos. Portanto, os papéis ou cargos podem mudar, como deve ser, e podemos continuar a testemunhar uns aos outros a novidade que nos agarrou. Esta é a questão crucial. Ao mesmo tempo, isso traz à tona a importância de uma circunstância como essa.

O que está em jogo para nós nesta circunstância? Como sempre, o nosso amadurecimento (como vimos nas intervenções desta noite, uma após a outra), ou seja, a verificação da fé. Cada um de nós reagiu de uma forma ou de outra perante o Decreto (como diante do acidente do teleférico, ou o retorno à “normalidade”, ou vendo as coisas falharem) e pode surpreender o que Dom Giussani chama, no capítulo décimo de *O senso religioso*, de “a estrutura da reação que o homem tem diante da realidade” (Jundiaí: Paco, 2017, p. 155), ou seja, o que gerou em nós o caminho que percorremos. Porque é na estrutura da reação que emerge tudo o que cada um é, vive, a sua autoconsciência, o caminho que fez, tudo o que ganhou ou falta ganhar. Na estrutura da reação, na forma como reagimos, encontramos indícios sobre os passos dados na personalização da fé e sobre os passos que faltam dar, portanto, sobre o que deve ser feito do ponto de vista educativo.

O que está aqui em jogo, hoje mais do que nunca – como sempre nos disse Dom Giussani –, é a geração da nossa pessoa através de todos os desafios que temos de enfrentar. O que todos desejamos é que a humanidade diferente que nasce da fé se torne nossa, entre na nossa carne, como

dizia uma das primeiras intervenções. A pessoa deve ser ajudada a crescer na autoconsciência; a pessoa não cresce por meio de pensamentos ou reflexões abstratas, mas através do que acontece. Por que Dom Giussani se interessa tanto pelo crescimento dessa autoconsciência? Porque “a força de um sujeito está na intensidade da sua autoconsciência” (*O senso de Deus e o homem moderno*, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997, p. 155). Esta é a verdadeira força da nossa pessoa: a sua autoconsciência.

Face a tudo o que ouvimos esta noite, face a qualquer desafio, lembremo-nos sempre que a nossa batalha (como dissemos nos Exercícios) é contra o nada. Não façamos confusão! Novamente, a pergunta a que devemos responder é: o que é preciso para viver em qualquer circunstância? Todo o resto vem depois. A nós interessa a fé como resposta pertinente às exigências da vida.

Fiquei impressionado com o que Dom Giussani disse aos universitários em 1990: “O que importa é o sujeito, mas o sujeito [...] é a consciência de um acontecimento [quando ele nos penetra, vemos isso na reação com que vivemos tudo], o acontecimento de Cristo, que se fez história para você através de um encontro, e você o reconheceu. Devemos colaborar, ajudarmo-nos uns aos outros no surgimento de novos sujeitos, ou seja, pessoas conscientes de um acontecimento que se torna história para elas, caso contrário podemos criar redes organizativas, mas não construímos nada, não damos nada de novo ao mundo [e nem sequer a nós mesmos]. Por isso [atenção!] o que mede o crescimento do Movimento é a educação à fé da pessoa: o reconhecimento de um acontecimento que se tornou história. Cristo tornou-se história para você, porque tocou você através do que chamamos o ‘encontro’, penetrou de alguma forma [entrou nas suas entranhas], tornou-se ‘interesse’, está dentro do seu ser” (*Un evento reale nella vita dell’uomo. 1990-1991*, Milão: Bur, 2013, p. 39). Se nos dermos tempo, o encontro penetrará cada vez mais em nós e nos tornará gratos pelo acontecimento que nos aconteceu, permitindo-nos enfrentar qualquer circunstância, incluindo todas as que mencionamos esta noite. Todos os testemunhos o confirmaram, documentando que não se trata de um sonho, mas de uma experiência real. E assim podemos ficar realmente curiosos para ver como as novas circunstâncias serão capazes de nos mostrar ainda mais a contemporaneidade de Cristo, fazendo-nos tocar a sua diversidade única pela capacidade que tem de gerar o nosso eu.

Por isso espero que ninguém queira perder a oportunidade desta verificação. Ajudemo-nos a manter viva a consciência do que está em jogo para cada um de nós nos próximos meses, porque o impacto do confinamento não acabou e cada um deve continuar a verificar o que aprendeu. A verificação da fé não acabou, tal como não acabaram os desafios. Tudo é uma oportunidade de verificação, e diante de tudo temos a oportunidade de ver se fica algo (como vimos nesta noite), e que gera sujeitos capazes de enfrentar qualquer circunstância.

Avisos:

O trabalho da Escola de Comunidade continuará durante o verão [europeu] sobre o texto dos Exercícios da Fraternidade *Há esperança? O fascínio da descoberta*. Até o final de julho continuamos o trabalho sobre o terceiro e o quarto capítulos, com as respectivas perguntas e respostas da assembleia. Nos meses de agosto e setembro trabalharemos o quinto e o sexto capítulos, com a respectiva parte da assembleia.

Decreto do Dicastério para os Leigos, Família e Vida. Todos puderam ler o Decreto do Dicastério para os Leigos, a Família e a Vida no último dia 11 de junho, que diz respeito à Fraternidade e a muitas outras associações e movimentos da Igreja. A nossa intenção é responder sem demora às alterações solicitadas, nos prazos e da forma indicada no Decreto. Como acabei de dizer, estamos diante de um novo desafio que nos permitirá verificar o crescimento da nossa autoconsciência.

Centenário do nascimento de Dom Giussani. Recordo que está ativo o site www.contributicentenario.comunioneliberazione.org, onde podem enviar suas contribuições para a celebração do centenário do nascimento de Dom Giussani, até o próximo dia 15 de setembro. Peça

a todos que considerem seriamente esta possibilidade e não esperem pelos últimos dias, a fim de facilitar o trabalho da secretaria. Para mais informação é possível consultar o site.

Meeting de Rímini. Lembro que a 42ª edição do Meeting, com o título “A coragem de dizer eu”, ocorrerá de 20 a 25 de agosto na Feira de Rímini. Tendo em conta as normas em vigor e as condições de cada um, convido todos a considerarem a possibilidade de visitarem o Meeting pelo menos um dia. É a maneira mais simples de ajudar a construir aquele ponto de encontro único que é o Meeting. As formas de participar presencialmente serão indicadas no site www.meetingrimini.org.

Gostaria também de salientar que ainda existe a necessidade de adultos para o trabalho voluntário, principalmente para o Serviço Médico. Por este motivo, as inscrições para o voluntariado – apenas para adultos – foram prorrogadas até 30 de junho. Para mais informações deve consultar-se o site do Meeting.

Dia de Início de Ano. Acontecerá na tarde de sábado, 25 de setembro. No início de setembro informaremos como participar do gesto.

Instrumentos de comunicação. Por último, convido vocês a levarem a sério os nossos instrumentos de comunicação também no verão: a revista *Tracce/Passos*, o site do Movimento, as redes sociais. Não nos interessa fazer propaganda, mas em primeiro lugar verificarmos nós o que nos impressiona, para que tenhamos o desejo de compartilhar com quem quer que seja. Pensem no que ouvimos esta noite! É a contribuição mais concreta que podemos nos dar, a nós, aos nossos amigos e a todas as pessoas que encontraremos neste verão.

Veni Sancte Spiritus

Desejo a todos um bom verão!
Vemo-nos no Dia de Início de Ano!
Obrigado! Tchau.